

QUEBRADO O TABU: A ESCOLA ABORDANDO A SEXUALIDADE E GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA SEM MEDOS E SEM CORTES

Christian Eduardo Campos da Silva¹
Valdineia Alves dos Santos Matias²
Rafael Francisco Braz³

RESUMO

A sexualidade faz parte e está presente na vida de todo ser humano, pois esta contribui na construção social de cada sujeito. A todo o momento as escolas se deparam com novas exigências referentes a se saber trabalhar com a sexualidade, não só por meio das atitudes de seus alunos, mas também através de sua fala e sua prática. Objetivamos em nossa pesquisa compreender a concepção e a vivência que os adolescentes têm sobre sexualidade. Nesta linha de raciocínio, propomos neste artigo científico abordar a temática da Sexualidade na Adolescência dentro do espaço escolar, visando apresentar os diversos olhares que os alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais têm sobre a sexualidade. Em nossa pesquisa realizamos um breve estudo em textos referentes à sexualidade e educação sexual e aplicação de uma entrevista semiestruturada com questões abertas. Para tanto, nossa fundamentação teórica baseia-se na sexóloga Marta Suplicy (1983), entre outros autores, e nos Parâmetros Curriculares Nacionais de orientação sexual (1997 e 2007). Os resultados de nossa pesquisa apontam que segundo os relatos dos jovens se faz necessário que a escola passe a oportunizar situações que envolvam a orientação e informação sobre a sexualidade de uma linguagem mais clara e concisa. Logo, é preciso que a escola rompa algumas barreiras, como a formação do seu corpo docente e principalmente a conquista da confiabilidade de seus alunos para que a educação sexual cumpra seu objetivo de possibilitar ao aluno desenvolver e exercer sua sexualidade de forma responsável e prazerosa.

Palavras-chave: Escola, Quebrando tabu, Educação Sexual, Sexualidade e gravidez na Adolescência.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Atualmente ainda é muito difícil falar sobre sexo e sexualidade dentro do espaço escolar, mesmo o assunto estando presente, na mídia, músicas, revistas e tantos outros meios de comunicação, que fazem parte do nosso cotidiano. Desta forma, compreendemos que a sexualidade é um aspecto natural do ser humano. No entanto, tendo em vista os estímulos externos (contexto social, etc.) e internos (biológicos), estes aspectos os vêm conduzido em muitos casos os jovens ao florescimento precoce de sua sexualidade.

Desta forma, a sexualidade encontra-se presente ao longo de todo o desenvolvimento físico e psicológico dos indivíduos, manifestando-se assim, desde o seu nascimento até o

¹ Professor da Educação Básica, Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, potiguara1992@gmail.com;

² Professora da Educação Básica, Pedagoga e Especialista em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, neia-alvesrt@hotmail.com;

³ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Mestre em Letras pelo PPGL/UFPB, Especialista em Língua Portuguesa e Graduado em Letras habilitação em Língua Espanhola pela UEPB, rafaelbrazprof@gmail.com.

momento da sua morte. Deste modo, a sexualidade vai além do ato sexual em si, uma vez que se encontra marcada pela história, cultura e ciência, igualmente como os afetos e sentimentos de cada sujeito.

Conseqüentemente, por se tratar de uma temática de suma importância para a vida de todos os indivíduos, conclui-se que a sexualidade na adolescência é um assunto que vem sendo pouco estudado, especialmente no que diz a respeito às práticas educativas voltadas para sexualidade dos adolescentes no espaço escolar, pois é uma temática associadas a extremos e velhos preconceitos, tabus e crenças.

Desta forma, espera-se que a educação sexual venha ser trabalhada nas instituições e que aborde e divulgue a questão da temática da sexualidade a partir de uma perspectiva sociocultural, ampliando a percepção de mundo dos alunos, para que assim, possa os ajudar a aprofundarem e refletirem sobre as formas de como a sexualidade vem se apresentando em sua cultura.

Desse modo, o aluno será privilegiado com as informações recebidas e poderá ter uma maior e melhor compreensão sobre a temática, contribuindo com o processo de tomada de decisões, como também na reflexão com relações as questões relacionadas à sexualidade, para que assim, sejam capazes de obter um comportamento mais adequado por parte dos estudantes.

No entanto, é de suma importância que o professor realize a ampliação de seus conhecimentos com relação à temática, com o objetivo de auxiliar os alunos que não possuem informações adequadas, respondendo assim às dúvidas de forma clara e objetiva, respeitando a opinião individual dos alunos.

Sendo assim, caso o professor não seja preparado e também não detenha informações adequadas, poderá transferir seus valores, crenças e opiniões como também suas “verdades absolutas”, impossibilitando assim que os alunos tenham autonomia para desenvolverem seu conhecimento.

O presente artigo foi pensado e organizado, tendo em vista, apresentar os resultados da proposta de pesquisa a qual teve por foco, “a Sexualidade na Adolescência”, o qual foi desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Luar do Sertão (nome fictício), situada no município de Rio Tinto – PB. O mesmo faz parte do componente curricular de Seminário Temático do 9º período do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III – Centro de Humanidades.

Nessa linha de raciocínio, nossa pesquisa tem como o objetivo geral compreender a concepção e a vivência que os adolescentes têm sobre sexualidade, procurando com os nossos

objetivos específicos, analisar como a escola faz para inserir o tema ao cotidiano de seus alunos, os auxiliando em suas escolhas e construção de sua autonomia.

Para a realização de nossa pesquisa, utilizamos em nosso aporte teórico as sexólogas Marta Suplicy (1983), entre outros autores, e os Parâmetros Curriculares Nacionais de orientação sexual (1983, 1992, 1997, 2007), visando promover uma maior reflexão acerca da temática a qual está sendo proposta.

Desta forma, interagimos com todos os trinta adolescentes envolvidos em nossa pesquisa, por meio de uma entrevista semiestruturada individual e uma conversa coletiva com os mesmos acerca da temática. Logo, a temática a ser pesquisada e discutida surgiu a partir da inquietação de compreender como os jovens vivenciam sua sexualidade e de que forma buscam por informações e por prevenção.

Sendo assim, propomos a discussão desta temática, visando possibilitar o conhecimento sobre o assunto entre os jovens, para que assim possamos construir uma base que possibilite reflexão, conhecimento e conscientização dos valores e das atitudes ao se confrontar com esta nova fase de suas vidas.

A presente pesquisa baseia-se no seguinte questionamento: Quais são as formas que a escola vem abordando a questão da sexualidade na adolescência com seus alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais. Essa questão, entre outros fatores foram essenciais para nos levar a investigar e conhecer o interesse dos adolescentes, em de fato saber o que é a sexualidade e seu direito a informação, pois a educação sexual é um direito de todos e contribui na formação integral e social dos sujeitos, além de colaborar no esclarecimento de dúvidas, fazendo com que tenham maior confiança em si mesmo.

Diante da realização da discussão sobre a sexualidade, almejamos que nossa pesquisa possa dar uma singela contribuição na qualidade de vida dos adolescentes, alunos da escola envolvida, levando-os a entender que a sexualidade e o sexo é algo que deve ser realizado com respeito e responsabilidade.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Como procedimento metodológico foi utilizado a pesquisa bibliográfica, que segundo Lakatos e Marconi (1987, p. 66), “trata-se do levantamento de bibliografia já publicada sobre o assunto que está sendo pesquisado. Esse tipo de pesquisa inclui livros, revistas, jornais, boletins, monografias, teses, dissertações, material cartográfico”.

Para a construção deste artigo, visando alcançar os objetivos da pesquisa, nos utilizaremos da pesquisa qualitativa, que por ser ampla, permite o uso de variadas estratégias e métodos para a sua realização. Conforme apresentado por Sandín Esteban (2010, p. 127),

A pesquisa qualitativa é uma atividade sistemática orientada à compreensão em profundidade de fenômenos educativos e sociais, à transformação de práticas e cenários socioeducativos, à tomada de decisões e também ao descobrimento e desenvolvimento de um corpo organizado de conhecimentos.

Para tanto, esse tipo de pesquisa requer estudos bem elaborados, organizados, e observações detalhadas sobre as informações ocorridas. O procedimento metodológico deste trabalho se dará a partir dos conhecimentos prévios dos estudantes, possibilitando a construção de uma nova postura frente aos novos saberes. Para atingirmos tais objetivos será utilizada como instrumento a entrevista semiestruturada.

De acordo com Triviños (1987) a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes.

O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Complementa o autor, afirmando que a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]”. (TRIVIÑOS, 1987, p. 152), além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações.

Além de pesquisas bibliográficas, para a realização deste trabalho, foram levadas em consideração às observações e dados obtidos através das entrevistas realizadas com 30 alunos do 6º ao 9º do Ensino Fundamental Anos Finais na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Luar do Sertão (nome fictício), situada no município de Rio Tinto – PB.

3 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO SEXUAL

A sexualidade é um termo bastante abrangente, que aborda inúmeros fatores e que dificilmente se adéqua em uma única e absoluta definição. Pois, a sexualidade humana, é uma temática que abarca constantes polêmicas, por envolver questões afetivas, comportamentos e ações realizadas perante a sociedade.

Esta se encontra presente na vida das pessoas desde o nascimento, e se manifesta nos indivíduos, de acordo com a realidade de cada um. Segundo a sexóloga Marta Suplicy (1983),

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

é no lar que o ser humano deveria ter sua primeira educação sexual. Neste caso, é visível que a família precisa concordar de que ela deve ser a primeira fonte onde seus filhos devem buscar por informações e ação da escola um complemento à educação dada pela família.

Ainda para Suplicy (1983), A sexualidade é algo presente na vida de cada ser humano e faz parte da personalidade de cada um. Ou seja, é uma necessidade básica do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. Dessa forma, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Orientação Sexual (1997),

[...] a sexualidade deve ser vista como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa no ser humano, do nascimento até a morte. Relaciona-se com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade. Engloba as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista. (BRASIL, 1997, p. 287).

Diante dessa afirmativa, devemos compreender que tudo que sentimos e vivenciamos, muitas vezes acontecem no nosso corpo, não sendo possível separar o sexo, a sexualidade do corpo ou pensar no corpo sem considerar o sexo e a sexualidade.

Existem vários enfoques sobre a sexualidade, que mudam de acordo com os entendimentos e crenças convenientes a cada realidade. Em ambientes diversos podem-se encontrar visões preconceituosas sobre o assunto, já em outros, o mesmo é discutido de forma livre e com boa aceitação dos envolvidos.

A sexualidade encontra-se presente e faz parte da vida de todo ser humano, pois a mesma contribui na formação social de cada sujeito. A todo instante as escolas se deparam com novas exigências referentes a se saber trabalhar com a sexualidade, não só por meio das atitudes de seus alunos, mas também através de sua fala e prática.

Portanto falar sobre sexo ainda nos dias de hoje, agrega muita polêmica e, apesar de todas essas exigências, falar sobre sexualidade é invadir um solo fértil em tabus e reticências. Muito se fala em discutir a sexualidade, porém pouco se discute. De acordo com os PCN de Orientação Sexual (2007), “a sexualidade é primeiramente abordada no espaço privado, por meio das relações familiares. Assim, de forma explícita ou implícita, são transmitidos os valores que cada família adota como seus e espera que as crianças e os adolescentes assumam”. (BRASIL, 2007, p. 299).

A sexualidade encontra-se presente diariamente na vida de jovens e adolescentes, pois ela não aponta apenas a parte biológica, mas também se encontra nos aspectos históricos e culturais, criando valores, “[...] cabendo à escola abordar os mais diversos pontos de vista,

valores e crenças existentes na sociedade, visando auxiliar o aluno a construir em si, uma autorreferência por meio da reflexão”. (BRASIL, 2007, p. 299).

Diante de tantas informações contrárias que os jovens se deparam em seu cotidiano, acerca da sexualidade, faz-se necessário que a escola, enquanto espaço de reflexão e de formação de saberes e valores oportunizem discussões, que favoreçam hipóteses para defesa e reflexão de nossos jovens e, também, responda às suas constantes indagações.

Nessa perspectiva, segundo Jimena Furlani (2007), “a escola nesse cenário pode ser vista, não apenas como importante, mas como estratégico na medida em que se constitui num local potencialmente explicitador e questionador”. (FURLANI, 2007, p. 271). Porém o enfoque que a escola oferece sobre o tema sexualidade é muito superficial ligado apenas a questões de prevenção de doenças (DST’s), questões voltadas ao sistema reprodutor masculino e feminino.

Sendo assim, existem ainda, muitos tabus, que precisam ser quebrados e superados, pois, o trabalho escolar deve aproximar alunos e professores de forma que os professores obtenham responsabilidades ao ato de planejar ações que contribuam na formação e desenvolvimento desses jovens.

4 A ESCOLA E A EDUCAÇÃO SEXUAL

Há certo tempo, o governo vem investindo programas específicos para a Educação Sexual, através de cartilhas, livros, folhetos. Aliás, diga-se de passagem, um pouco tarde, pois, a televisão já libera com raras proibições da censura, programas e campanhas específicas, como por exemplo, a da AIDS, uso da camisinha e outros, além são claro da sua programação normal como as novelas, serem carregadas de sensualidades e muitas vezes cenas de sexo.

A partir desse contexto a escola já ficou para trás, e agora que está trazendo alguns programas que deveriam estar acontecendo há pelo menos há uns vinte anos. A sexóloga Suplicy (1992) colocou a educação sexual na escola da seguinte forma,

O professor orientador não tem que dizer o que é certo ou errado, nem dar conselhos. Ele é um catalizador da discussão, um grande escutador, uma pessoa que mostra respeito pelo que o aluno pensa e que possibilita ao aluno a crítica e o pensamento. No momento em que o professor orientador disser: isso é melhor que aquilo, ele sai do seu papel de orientador. (SUPLICY, 1992, p. 37).

A partir dessa perspectiva, a escola não pode ministrar a disciplina de educação sexual, mas pode realizar orientações sexuais, porque a educação sexual é algo que começa quando a gente está no útero da mãe e não termina até a gente morrer.

De acordo com Suplicy (1992), os professores precisam estar bem capacitados para que assim possam exercer seu papel enquanto facilitador entre a discussão com os alunos, embora eles devam deixar claro que é indispensável que cada aluno tome seu próprio posicionamento em relação à sexualidade, pois implicará em outros diversos fatores como sua formação, religião etc..

Mas de modo geral devemos deixar claro para os adolescentes que a sexualidade é um fato tão intensamente importante para nosso corpo, e ao mesmo tempo sem transformar isso num “bicho papão”, sem ampliar o sentimento de culpa que já existente devido às formações religiosas, tabus, costumes familiares entre outras.

A sexóloga Suplicy (1992) prega que o professor precisa tomar certos cuidados no momento de realizar a orientação sexual, tais quais: não dar conselhos, expor suas ideias próprias, não contar suas experiências pessoais, não citar casos específicos que podem ter na sala de aulas, enfim, realizar um trabalho de real orientação, sendo técnico e imparcial, respeitando assim as diferenças individuais de seus alunos.

Atualmente, o professor não possui uma formação específica para poder trabalhar a sexualidade em sala de aula, pois quando um adolescente do 6º ao 9º ano realiza perguntas ao professor com relação a sexo e sexualidade, o professor ainda assustado e sem saber qual a atitude correta a tomar. Esse fator é atribuído à falta de leituras, treinamentos, e estudos para que assim o professor possa conversar naturalmente sobre sexo com seus alunos.

A partir do exposto, o que devemos levar em conta é que os alunos aprendem sobre a temática vivenciando em sociedade, logo, existe uma necessidade para que a escola venha oferecer um espaço onde o aluno possa trabalhar sua sexualidade de diversas maneiras, sejam através de perguntas, leituras direcionadas, ou até mesmo assistindo filmes e documentários pertinentes à temática para que dessa forma o assunto passe a ser algo mais comum em seu cotidiano.

Dessa forma Suplicy (1992) aponta que, o que o professor precisa ter cuidado é com a diferença que existe entre a educação sexual e a orientação sexual, pois enquanto a primeira quem dá é a família porque embute junto os seus valores, a segunda é ofertada pela escola através do professor que fornece informações corretas, sem tomar posição no que diz respeito a valores.

Numa época como a nossa, em que a criança desde muito cedo vem sendo precocemente erotizada por meio da mídia, em específico pelas músicas com coreografias altamente apelativas. Logo, falar sobre sexo e sexualidade serve não apenas para quebrar um grande tabu imposto pela sociedade, como também uma forma de proteger e alertar nossos jovens sobre as doenças e abusos sexuais.

Quando se propõe a falar de sexualidade nos Anos Finais do Ensino Fundamental, o professor precisa estar atento aos mínimos detalhes e questões que surgirão, uma vez que, o assunto abrange diversos preconceitos, tabus e crenças. Além disso, a sexualidade é entendida como algo inerente ao ser humano, que se manifesta a partir do nascimento e vai até o momento da morte, apresentando diferentes formas, de acordo com cada etapa do desenvolvimento.

No entanto, para que a Orientação Sexual aconteça no ambiente escolar, é indispensável que os valores, dúvidas e questionamentos possam ser expressos por meio do diálogo, reflexão e da possibilidade de reconstruir informações. Dessa forma, os adolescentes conseguiram modificar e reafirmar seus pontos de vistas e princípios estabelecendo assim de modo significativo o seu próprio código de valores.

4.1 A omissão da educação sexual por parte da família e escola

Quando a família e a escola se calam a respeito de qualquer assunto relacionado com a sexualidade, tentam negar sua existência, que, no entanto, é impossível ignorar o próprio corpo, consideram partes do corpo menos dignas ou mesmos sujos e vergonhosos.

Atualmente pouco (quase nunca) se fala sobre sexo, e as raras vezes que ocorre essa conversa é sempre para limitar, ameaçar ou proibir, considera-se um instinto rebelde e para que possam ser controladas são criadas instituições, normas, regras que canalizam e domesticam, são gerais e imutáveis. Para isso, podemos encontrar em escritos de Freud (1999, p.188), que afirma: “o recalco sexual é condição da evolução da cultura”.

Segundo a sexóloga Suplicy (1983), é no lar que o ser humano deveria ter sua primeira educação sexual. No entanto, conforme podemos observar nos relatos dos pais e responsáveis pelos alunos entrevistados, esses alunos e filhos não tem essa primeira educação em casa.

Nunca falei, nem tenho coragem de falar sobre essas coisas com minha filha. É uma coisa que descobrimos com o passar do tempo. – *Mãe de Aluna Grávida*

Ela só está assim (grávida) por culpa da mãe dela que nunca conversou com ela a

sobre o que pode e o que não pode fazer antes do casamento. – *Pai de Aluna Grávida*

Nunca conversei com minha neta sobre essas coisas, não acho apropriado ter essas conversas com ela. Ela é muito jovem. – *Avó de Aluna Grávida*

Hoje ele é pai, mas não foi por falta de conselho ou conversa. Toda vida aconselhei falei o que era certo e errado. Ele que traçou seu caminho. Eu enquanto tia /madrinha estou aqui para ajudá-lo no que for preciso. Hoje ele reconhece que se tivesse me ouvido hoje tudo seria diferente. – *Tia de Aluno*

Ele se tornou pai, não foi por falta de aviso. Foi porque quis, num sabem que tem usar a camisinha, principalmente o homem tem que sempre andar com ela. Graças a Deus de desse vacilo só veio um filho, já imaginou se em vez disso tivesse vindo outra coisa? – *Pai de Aluno*

Neste caso, é visível que a família precisa concordar e enxergar que ela deve ser a primeira fonte onde seus filhos devem buscar por informações e ação da escola um complemento à educação dada pela família.

De acordo com Soares (2003) os jovens de nossa sociedade sofrem grande influência da mídia no processo de sua formação e que esta tornou o sexo mostrado em sua programação um produto de exposição muito lucrativo.

Ferreira (2001, p. 169) corrobora com as ideias de Soares (2003), quando afirma que: “[...] a mídia também contribui para uma visão equivocada do sexo: as imagens transmitidas são de sexo aliado ao prazer, à excitação, ao perigo, à aventura e à violência. Os riscos da atividade sexual desprotegida e suas consequências, a mídia não os divulga [...]”.

Iniciei minha vida sexual precocemente, aos 12 anos tive minha primeira relação, sei que fiz muita loucura quando mais nova tive algumas relações sem proteção, mas graças a Deus que não peguei nada [...] – *Aluna B*

Minha primeira relação pra ser sincera não lembro com qual idade foi ao certo, mas acredito ter sido entre 13 – 14 anos, com meu namorado que é mais velho que eu um ano. [...] Nunca fiz sem proteção, pois minha mãe sempre diz: nunca tenha relação sem camisinha. E por sempre ouvir ela falar e me explicar o porque de usar sempre uso. – *Aluna C*

[...] Fico com várias meninas e nunca uso camisinha. Não gosto de usar esse plástico o bom é a pele com pele! – *Aluno D*

[...] Não engravidado porque sei como fazer as coisas para não engravidar e não pego nada, pois sei que as pessoas com quem saio não têm cara de doente. – *Aluna E*

[...] sempre ando com camisinha, mas nunca uso. Pra que perder tempo pra colocar um plástico se o bom é a liberdade da pele com pele. – *Aluno A*

Tive muitos namoradinhos com todos tive relação sem camisinha. E nunca fiquei grávida ou peguei nada. [...] Quer dizer acredito que não tenho nunca fiz nenhum teste pra saber, até porque com quem fiquei continuam saudáveis e bonitos, então sei que eles nem eu temos nada. Sou uma menina de sorte! – *Aluna B*

Neste contexto, a escola é apontada como um importante instrumento para veicular, informações sobre formas de evitar a gravidez e de se proteger de doenças. (ALTMANN, 2002).

Apesar do papel da educação sexual ser ainda discutível para evitar as experiências sexuais precoces, em artigo publicado no jornal Folha de S. Paulo lê-se que “[...] o melhor método anticoncepcional para as adolescentes é a escola: quanto maior a escolaridade, menor a fecundidade e maior a proteção contra doenças sexualmente transmissíveis” (DIMENSTEIN, 1999, p. 15).

A omissão da educação sexual, também produz efeitos diversos; medo, vergonha, esvaziamento, tédio, frustrações. Pois se trata de formas de mutilação da experiência sexual, cuja plena realização em suas infinitas possibilidades constituiria uma possível ameaça a regimes autoritários e desumanos.

Contudo a omissão também é uma forma de educação, só que reforça o conceito limitado e empobrecido que ainda vigora sobre a sexualidade hoje. Mas como dar o que também nos foi negado? Repetimos padrões e comportamentos, para não termos que assumir nossas posições e escolhas, porque não podemos ensinar o que não aprendemos. (ONG SABER, 2009).

Embora os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997) tenham proposto, no final da década de 1990, que o tema transversal “Orientação Sexual” seja inserido do programa das escolas, a temática não tem origem na atualidade, mas vem sendo destacada no meio médico, científico e educacional desde as primeiras décadas do século XX.

Percebemos nesse processo a necessidade de formação dos educadores para trabalhar com o tema, que se reflete até os dias atuais. Não é uma só a maneira de educação sexual, são diversas, porque são diversos os jovens, diversas são as maneiras de pensamento e aceitação do “conteúdo”.

4.2 As contribuições dos pais na educação sexual de seus filhos

A melhor preparação dos filhos para a puberdade consiste na educação dos pais, terão filhos bem educados se educadores forem os pais. Suplicy (1992) diz que a puberdade deve ser reconhecida pelos pais, como tempo de crise de seus filhos, e que exige muito amor, a capacidade pedagógica de sua parte.

Não é só a crise dos filhos, mas momento de decisão também dos pais. É a época da dispersão e em que a maioria dos pais se separa dos filhos. Para que possam direcionar bem

seu papel nesse período os pais devem primeiramente recordar da própria puberdade, lembrar seus erros e se foram vítimas em sua juventude passada. Para que possam poupar a repetição de muitos sofrimentos aos seus filhos.

O sofrimento desse período não é igual para todos. Existem aqueles que encaram as transformações do corpo, por exemplo, com otimismo e naturalidade, mas também temos outros que se traumatizam com os sinais corporais da puberdade. Se os pais não podem preservar os filhos das rudes zombarias dos estranhos, que evitem gracejos em casa, como por exemplo: da barba (penugem) do filho, dos seios (apontamento) da filha; da voz, dos braços longos e de um todo desajeitado.

Esse tipo de zombaria é grave, pois a criança na puberdade está muito sensível e envergonha-se facilmente e pode chegar à depressão. Muito maior do que se pode esperar é a sua influência nociva sobre o caráter, à atitude espiritual e, conseqüentemente sobre o futuro indivíduo, e isso não só no domínio sexual como em todas as manifestações da vida.

Para Oliveira; Bueno (1997), os pais e muitos profissionais se encontram despreparados para trabalhar com estas questões. Em consequência disso, transmitem informações distorcidas, cercadas de mitos e crenças, as quais se refletem em prejuízos para a qualidade de vida do adolescente e para a saúde pública.

Muitas vezes, durante esse período os pais devem fazer “vistas grossas”, como quando a menina admira seus “galãs”, bilhetinhos de admirador, flores, retratos na parede do quarto etc. Como se pode observar, o universo sobre os adolescentes é muito amplo e deve ser explorado ao máximo por todos os educadores, pais e mães, e a própria sociedade deve ter responsabilidades no sentido de entender, encaminhar e estruturar o mundo dos jovens adolescentes, não importando suas classes sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A necessidade de abordagem do tema sexualidade na escola está mais do que evidente. No entanto faz-se necessário que a escola rompa algumas barreiras como a formação do seu corpo docente principalmente a conquista da confiabilidade de seus alunos para que a educação sexual cumpra seu objetivo maior que é contribuir para que o aluno possa desenvolver e exercer sua sexualidade de forma responsável e prazerosa.

No atual momento histórico, em pleno século XXI, onde favorece a discussão sobre a sexualidade, as políticas educacionais recomendam o tema como uma proposta interdisciplinar, ou seja, que deve ser abordado em todas as disciplinas e isso tem se tornado

um dilema na prática pedagógica do professor. Mas, para que isso ocorra efetivamente é preciso que se haja um planejamento que contemple e respeite as diversas culturas existentes nas nossas escolas.

Diante disso, a educação sexual visa informar e explicar assuntos relacionados ao sexo, livre de qualquer preconceito e tabus. Falar sobre sexo, ainda hoje, provoca em algumas pessoas, certos constrangimentos, mas o tema é de suma importância, por esclarecer dúvidas e possibilitar orientação aos adolescentes.

A educação sexual busca preparar os adolescentes para a vida sexual de forma segura, convidando-os à responsabilidade de cuidar de seu próprio corpo, evitando futuras situações indesejadas, tendo, por exemplo, a contração de doenças e/ou uma gravidez precoce e indesejada.

Embora no Brasil a sexualidade encontre-se presente em todos, ou quase todos os ambientes culturais e, em especial nos meios de comunicação, o debate público sobre o tema ainda permanece polêmico, carregado de discursos preconceituosos e marcado por constantes abordagens negativas relacionadas à gravidez precoce, abusos sexuais e as doenças sexualmente transmissíveis – DST's.

A sexualidade diante dessas questões torna-se algo negativo a vida das pessoas, porém esta é um direito e deve ser respeitada por todos os indivíduos. Contudo, infelizmente, ainda há um longo caminho a ser percorrido para se chegar ao que se deseja em relação à educação sexual, principalmente no que diz respeito à formação do educador, que ainda estão presos a tabus e a estereótipos sociais de que esse tema só deve ser abordado pela família, pois se eles o fizerem estarão induzindo aos alunos a sua prática.

Assim sendo, é preciso ter em mente que falar sobre sexualidade na escola não é mais só papel de especialistas, e sim de todos aqueles que estão envolvidos na educação. Está na hora de mudarmos nossa concepção sobre a sexualidade e passarmos a entendê-la com outra função humana qualquer para que possamos vive-la de forma saudável, prazerosa e com responsabilidade respeitando a todos e todas.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. **Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Revista Estudos Feministas, ano 9, 2002.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** pluralidade cultural, orientação sexual. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 2007.

DIMENSTEIN, G. Estudo relaciona falta de escolaridade com gravidez. **Folha de São Paulo**, 4 out. 1999. Caderno Campinas, p. 4.

FERREIRA, Berta Weil. **Considerações sobre a gravidez na adolescência.** Educação, Porto Alegre, v. 24, n. 45, p. 167-173, 2001.

FREUD, S. **Cinco lições de psicanálise.** Rio de Janeiro: Imago, 1970.

FURLANI, Jimena. **Sexos, sexualidade e gênero:** monstrosidade no currículo da Educação Sexual. Belo Horizonte: Educação em revista, nº 46, 2007. p. 269-285.

O PAPEL DA ESCOLA NA EDUCAÇÃO SEXUAL. In: ONG SABER. 2009. Disponível em: <http://www.ongsaber.org.br/saude-da-mulher/sexualidade-comqualidade/artigos/45>. Acesso em: 6 nov. 2018.

SOARES, Guiomar Freitas. **Sexualidade:** o que os jovens esperam da escola. v. 16. Rio Grande: Momento, 2003. p. 51-62.

SUPLICY, Marta. **Sexo se aprende na escola.** São Paulo: olho d'água, 1995. Revista Construir notícias – nº 25- dezembro/2005.

SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo.** Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1983.

SUPLICY, Marta. *et al.* **Guia Nacional de Orientação Sexual: Diretrizes e Metodologia da Pré-Escola ao 2º Grau.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.